

Recensões

Recensão do livro *História de Israel e dos povos vizinhos*, de Herbert Donner, trad. por Claudio Molz e Hans A. Trein.

São Leopoldo/Petrópolis : Sinodal/Vozes, 1997. 2 vols., 535 p.)

Há muito tempo estávamos à espera de um novo manual de História de Israel em língua portuguesa. Após os inestimáveis préstimos de Martin Metzger (Sinodal), John Bright e Henry Cazelles (Paulinas) e Jorge Pixley (Vozes), que acompanharam diversas gerações de estudantes de Teologia e de História, podemos contar agora com um manual de porte que busca incorporar as descobertas arqueológicas mais recentes e refletir as discussões histórico-teológicas das últimas décadas. É motivo de alegria que este manual saia em co-edição das Editoras Sinodal e Vozes. Quem tem a ganhar é, sem dúvida, o público leitor.

A obra é de vulto. Não só pelo tamanho, mas, em especial, pelo amplo material incorporado e comentado na obra bem como por uma nova discussão dos temas candentes da história do povo de Israel. Evidência disso são as fartas indicações bibliográficas de trabalhos recentes nas notas de rodapé e no início de diversos capítulos, além de uma bibliografia básica colocada no início da obra. A edição portuguesa inclui também uma bibliografia básica sobre o assunto em português e espanhol. O interesse pela arqueologia transparece, entre outros, na tentativa de identificar localidades do tempo bíblico com os nomes atuais (geralmente árabes) dos respectivos sítios. Estes se encontram geralmente entre parênteses após o topônimo bíblico, devidamente reconhecíveis por estarem em itálico.

Para alguns leitores esses topônimos semitas podem parecer um estorvo na leitura, também por adotar um sistema próprio de transliteração de termos semitas. Este sistema de transliteração apresenta, às vezes, aspectos estranhos à língua portuguesa (por exemplo: Tell eç-Çafi, Çayda). Isto vale também para a transliteração de termos e nomes próprios hebraicos (por exemplo: Çidqa). De resto, nomes de pessoas e de localidades mencionadas na Bíblia são, por via de regra, vertidos ao português de acordo com a tradução de João Ferreira de Almeida (Sociedade Bíblica do Brasil).

O manual aparece em dois volumes. O primeiro volume se estende desde os inícios até o rei Salomão (subtítulo: *Dos primórdios até a formação do Estado*); o segundo volume abarca a época desde a divisão da monarquia até os acontecimentos políticos do Novo Testamento (subtítulo: *Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*). O manual apresenta, em apêndice, uma tabela cronológica disposta em quatro respectivamente cinco colunas, paralelizando os eventos mais importantes da história de Egito e Palestina, de hetitas, assírios ou babilônios, de persas ou romanos. Uma última coluna destaca os principais acontecimentos político-militares do Antigo Oriente ou da Síria-Palestina. A edição portuguesa não apresenta o índice remissivo constante na edição alemã.

O título *História de Israel e dos povos vizinhos* suscita no leitor a expectativa de encontrar uma história de povos vizinhos de Israel tais como filisteus, amonitas, moabitas, edomitas, etc. Na verdade não é bem isso que o manual oferece. O que podemos encontrar, no entanto, são tentativas bastante amplas de ambientar a história de Israel na grande constelação política de povos e estados do Antigo Oriente Próximo, nos capítulos I,2; V,1; VI,1 e VII,1. Os períodos helenístico e romano, no entanto, são extremamente breves, comparados, por exemplo, ao espaço dedicado a estes períodos pela clássica “História de Israel” de Martin Noth. A época de 333 a.C até 135 d.C. é tratada em apenas 30 páginas.

As contribuições mais importantes da *História de Israel* de Herbert Donner se encontram na discussão das diversas teorias sobre as origens do povo de Israel, o período pré-monárquico e o surgimento da monarquia. São estes os temas que determinaram a pesquisa histórica nas últimas décadas. Para Donner, “a tomada da terra e o primeiro início do povo de Israel coincidem; são dois lados da mesma questão” (p. 151). Por isto, tudo que antecede ao processo denominado “tomada da terra” é considerado “pré-história” de Israel, ou seja, a história de grupos populacionais que mais tarde integraram o povo de Israel.

Dois capítulos do primeiro volume tematizam as origens do povo de Israel. O primeiro leva o interessante título: “Separação, agregação e estruturação” (Parte 1, Capítulo 4). Este capítulo pretende detectar os “rastros” que “os processos de assimilação e dissimilação” deixaram “na consciência do povo” (p. 60). Analisa as sagas e os elementos genealógicos do livro de Gênesis para descobrir de quais grupos populacionais Israel se distancia (p. ex., cananeus) e de quais se sente próximo (p. ex., arameus). Retoma também a análise do fato de os epônimos das doze tribos de Israel estarem associados a quatro mães e discute crítica e detalhadamente a hipótese da anfictionia de Martin Noth. Neste capítulo são lançadas as bases para a sua posição sobre as origens do povo de Israel.

Estas são explicitadas no capítulo: “A tomada da terra pelos futuros israelitas na Palestina e suas conseqüências” (Parte 2, Capítulo 1). Neste capítulo, o leitor poderá acompanhar a discussão sobre os três modelos da tomada da terra e, por conseguinte, da formação do povo de Israel: o modelo da migração (não totalmente identificável com o modelo da conquista de Norman Gottwald), o modelo da infiltração (= modelo da imigração de Gottwald) e o modelo da revolta. Donner chega à conclusão de que “não é possível simplesmente decidir-se por um dos três modelos”, pois “devemos abandonar a idéia de que a chamada tomada da terra pelos israelitas tenha se dado de maneira uniforme em termos de regiões, períodos e política populacional”. O autor entende que tenha havido “vários processos de colonização (melhor: povoamento) regionalmente diferentes e separados no tempo, nos quais estiveram envolvidos diferentes grupos populacionais” (p. 149).

Muitos leitores notarão — não sem uma ponta de decepção — que o autor nem sempre toma posição frente a uma questão controversa e, por vezes, até demonstra alguma incerteza diante do assunto em pauta. De fato, em diversas ocasiões, o autor questiona e discute posições existentes e coloca alternativas possíveis, mas não se vê em condições de tomar uma decisão em favor de uma ou outra. A meu ver, isto é reflexo do estado da pesquisa atual, que ainda não consegue responder questões fundamentais sobre os inícios da história de Israel. Nesta situação, indefinições não podem ser consideradas um defeito, mas devem ser entendidas como uma manifestação honesta das nossas limitações.

A Parte 3 da obra leva o título: “O período da formação dos reinos”. Note-se o plural. Donner é de opinião que Saul fundou o Reino de Israel dentre as tribos do norte da

Palestina e que Davi fundou o Reino de Judá, no sul. Ou seja, já desde o início da monarquia israelita havia dois reinos (o autor prefere usar o termo moderno “Estado”) distintos. Estes dois reinos estiveram temporariamente reunidos em união pessoal sob Davi e Salomão, antes de voltarem à sua existência autônoma sob Roboão respectivamente Jeroboão. Esta concepção tem seus méritos, pois não idealiza o espírito de unidade da entidade “povo de Israel” e vê com maior nitidez as diferenças existentes, desde o início, entre as tribos do sul e as do norte da Palestina (cf., p. ex., Jz 5).

Por fim, resta destacar que o autor escreve a sua História de Israel fundamentando-se sempre na análise dos textos bíblicos pertinentes, comprovando, assim, que a história de Israel não se pode entender nem escrever sem uma sólida e sóbria exegese dos textos bíblicos.

É de se esperar que este manual “estimule um profícuo trabalho próprio por parte de seus leitores” (Prefácio à edição em português, p. 7) e possa, assim, contribuir para a reflexão teológica em nosso continente.

Nelson Kilpp

**Recensão do livro *Teoria do método teológico : (versão didática)*,
de Clodovis Boff.**

(São Paulo : Vozes, 1998.)

Em primeiro lugar deve-se dizer que a presente obra já é em si uma grande resenha de uma publicação maior do próprio autor. Esta é uma versão abreviada e reduzida de uma obra quatro vezes maior. Com esta versão menor o autor busca atingir um público maior de leitores, que podem ter interesse pelo tema, mas que encontrariam dificuldades para ler a versão completa. Poder-se-ia dizer ainda que este livro apresenta uma resenha da própria teologia, enquanto produção da inteligência da fé, ao longo de quase dois mil anos de teologia cristã. Esta característica da obra torna-a difícil de ser sintetizada, principalmente do ponto de vista do conteúdo. Por isso, o enfoque deste comentário será mais sobre a natureza da obra, bem como algumas impressões subjetivas.

Com a presente obra, Clodovis Boff busca auxiliar, principalmente, o jovem teólogo em sua iniciação na ciência teológica. Trata-se, alerta o autor, de uma ciência complexa. Em linguagem analógica, a teologia poderia ser comparada com um grande edifício, que vem sendo construído ao longo de dois milênios e que apresenta diferentes estilos arquitetônicos. O autor apresenta ao leitor os diferentes estilos arquitetônicos que compõem esse edifício, preocupado sempre com a harmonia do conjunto. Detém-se, sobretudo, nos fundamentos que lhe dão sustentação, bem como nos materiais utilizados para construí-lo. Mostra, também ao longo de sua exposição, como esse edifício se distingue de outras obras humanas erigidas ao longo da história. Ao lado do rigor técnico com que o autor apresenta o tema, o leitor é introduzido a alguns detalhes da fantástica cultura que existe nos seus ambientes interiores. Desta forma, mediante depoimentos de importantes pessoas que ajudaram a construir o edifício, o leitor também é convidado a apreciar a riqueza de sua